

XV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

*O LUGAR DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E OS DESAFIOS DA
DEMOCRATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO*

28 A 30 DE MAIO/2025

EVENTO HÍBRIDO E INTERDISCIPLINAR



REALIZAÇÃO:

Aeset
Autarquia Educacional de Serra Talhada
Fefopst Fecisst Fechosst



AINPGP
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL
DE PESQUISA NA GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

📺 📧 📷 📺
/redessociais

RESPEITAR PARA ALÉM DE TOLERAR

ANCESTRALIDADE E RESISTÊNCIA NO FILME BESOURO

Alba V. de S. Sales¹; Giovanni C da Silva²; Bruna B. Nogueira³; Beatriz F. Ferreira⁴; Pedro H. A. da Silva⁵.

1 Mestre em Geografia (UFRJ), Professora Seeduc/RJ, Supervisora do

Pibid, albavssales@gmail.com

2 Doutor em Letras (UFRJ), Professor UVA, CEJA/Cecierj, Seeduc/RJ,

codecasilva@gmail.com

3 Graduanda de História (UVA), bolsista CAPES/Pibid,

brunabnog@gmail.com

4 Graduanda de História (UVA), bolsista CAPES/Pibid,

bibifeliz17@gmail.com

5 Graduando de História (UVA), bolsista CAPES/Pibid,

pedroamaral86@outlook.com

Resumo:

Este texto propõe a reflexão sobre a necessidade de trazer para a sala de aula elementos que façam parte da realidade dos estudantes como caminho de reconhecimento de suas vivências e saberes. A partir da exibição do filme Besouro, produção de 2009, buscou-se discutir a relação entre racismo, território e preconceito religioso, com estudantes do Ensino Médio de comunidades da Grande Tijuca, Rio de Janeiro, estigmatizadas como territórios de violência, mas vivenciadas por seus moradores como espaços de resistência. O filme, que traz a história de um herói afro-brasileiro, conhecido por lutar contra a repressão do povo preto pós-abolição, no interior da Bahia, na década de 1920, acompanhado de debate sobre a condição da população negra e a perseguição religiosa, permitiu a construção de uma relação de identificação entre os estudantes e a história do protagonista, bem como abriu espaço para relatos emocionados que atestam a manutenção de uma estrutura racista, em diferentes esferas, mas que também demonstram como o jovem negro da favela se identifica com o herói da década de 1920, na defesa de sua identidade cultural e de seu território. Por fim, o trabalho chama atenção para a importância de trazer à luz referências contra-hegemônicas nos espaços escolares, como constituição de diferentes perspectivas das relações socioculturais.

Palavras-Chave: Racismo religioso; Identidade; Território

Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre as relações entre racismo, território e preconceito religioso no cotidiano de estudantes do Ensino Médio, da rede pública estadual do Rio de Janeiro, a partir da experiência de exibição e debate do filme Besouro. A escolha do filme como ferramenta pedagógica se justifica

REALIZAÇÃO:



por sua potência simbólica e estética em retratar a trajetória de resistência de um herói negro, praticante da capoeira e profundamente conectado às tradições religiosas de matriz africana — elementos que ainda hoje são alvos de estigmatização e violência simbólica e física.

O debate foi realizado com jovens que, em sua maioria, residem em comunidades da Grande Tijuca, cujos territórios são historicamente marcados por desigualdades sociais, estigmas territoriais e ausência de políticas públicas efetivas. Tais espaços, frequentemente referidos como "favelas", são também, como nos ensina Milton Santos (2002), lugares de produção de vida, identidade e resistência, que apesar de resultantes de uma geografia da exclusão, é onde se inventam também relações cotidianas de colaboração e pertencimento. Dessa forma, o território não é apenas um espaço físico, mas uma categoria social carregada de sentidos, marcada por relações de poder e identidade.

Nesse sentido, o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser vista apenas como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restitui o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo, pelo que ele já é, mas, também, pelo que ainda não é. (SANTOS, 2008: 38)

Ao considerar as experiências desses alunos, torna-se fundamental dialogar com pensadoras negras como Lélia Gonzalez e Maria Beatriz Nascimento, que apontam a centralidade do racismo na construção das estruturas sociais brasileiras e a importância da ancestralidade e da cultura afro-brasileira como formas de resistência. Lélia Gonzalez, em especial, denuncia o epistemicídio das culturas negras e o apagamento das mulheres negras nos espaços de fala, enquanto Maria Beatriz Nascimento destaca a relevância dos quilombos — físicos e simbólicos — como espaços de resistência territorial e cultural.

A proposta deste trabalho se ancora ainda na perspectiva freiriana de educação, para a qual a escuta, o diálogo e a problematização da realidade são caminhos para a construção de consciência crítica (FREIRE, 1996). A exibição do filme *Besouro* se insere, portanto, como uma prática pedagógica libertadora, que possibilita aos estudantes não apenas o contato com uma narrativa afrocentrada, mas também a elaboração de suas próprias vivências e identidades a partir de um referencial cultural historicamente marginalizado.

Na compreensão da história como possibilidade, o amanhã é problemático. Para que ele venha é preciso que o construamos mediante a transformação do hoje. Há possibilidades para diferentes amanhãs. A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da história nos torna seres da decisão, da ruptura. Seres éticos. (FREIRE, 2000: 40)

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação de Estudos em Letras, Artes e Teatros
Fábulas, Favelas, Favelados



AINPGP
Associação de Intercâmbio e Interação de Negras e Negros de Pernambuco

 /redessociais

Este artigo tem como objetivo analisar como a experiência audiovisual e os debates subsequentes mobilizaram reflexões sobre o racismo estrutural, o preconceito religioso e a construção social dos territórios populares. Além disso, busca evidenciar o papel da escola e da cultura como instrumentos de valorização da identidade negra e de enfrentamento às opressões. O caminho metodológico adotado parte da escuta atenta das falas dos alunos, bem como da análise dos significados atribuídos por eles à narrativa do filme, relacionando essas percepções ao contexto histórico, geográfico e social em que estão inseridos.

Desenvolvimento

1. Racismo estrutural, preconceito e território

O conceito de racismo estrutural, conforme formulado por Dennis de Oliveira (2021), permite compreender que o racismo no Brasil não opera apenas em atos isolados ou individuais de discriminação, mas está enraizado nas estruturas institucionais e nos sistemas de poder que organizam a vida social. Esse racismo, forjado durante o período colonial e perpetuado ao longo do processo de modernização excludente do Estado brasileiro, se expressa na exclusão sistemática da população negra dos espaços de poder, do acesso pleno à cidadania e da produção do conhecimento legítimo. No cotidiano, essas expressões se manifestam em práticas reiteradas de violência policial, na criminalização da pobreza e no cerceamento das subjetividades negras em ambientes escolares, midiáticos e jurídicos. Há uma totalidade racista (econômica, política, social e cultural), e desta forma as relações sociais e a construção destas representações “*estão inseridas em um determinado contexto sócio-histórico*” (OLIVEIRA, 2021: 146). A escola, nesse cenário, torna-se muitas vezes reprodutora das mesmas hierarquias raciais que a sociedade estrutura.

A intolerância religiosa que atinge principalmente as religiões de matriz africana — como o Candomblé e a Umbanda — deve ser entendida também como uma expressão do racismo estrutural. Essa violência não é apenas simbólica: envolve ataques físicos a terreiros, perseguição a lideranças religiosas e o apagamento cultural de saberes ancestrais afro-brasileiros. As religiões negras são historicamente alvo de estigmatização, associadas ao “atraso” ou à “feitiçaria”, reforçando estereótipos coloniais que negam seu valor epistemológico, espiritual e civilizatório. O racismo religioso atua como uma das estratégias de controle dos corpos e das mentes negras, excluindo essas práticas do reconhecimento como parte integrante do patrimônio cultural nacional. A crítica de Sidney Nogueira (2020) se sustenta na constatação de que o Estado, por meio de políticas públicas e da estrutura legal, é omissivo ou conivente com essas violências, reforçando o silêncio e a impunidade.

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação Brasileira de Estudos em Sociologia, Antropologia e História

AINPGP
Associação Brasileira de Estudos em Sociologia, Antropologia e História

📱 🌐 📺 📺 f /redessociais

No cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio. (NOGUEIRA, 2020: 19)

Apesar de comumente o território estar relacionado ao recorte espacial de exercício do poder político, do Estado, ou de outras relações de poder como o econômico, sob a perspectiva cultural, o território adquire uma carga simbólica bastante significativa (VALE, 2005). É a partir desta perspectiva que o território é também considerado como espaço vivido. Lembrando Santos (2008), citado anteriormente, é o que marca o limite entre o "nós" e "os outros", e é o que pode marcar também diferentes formas de desigualdades, de exclusão, mas sobretudo de resistência.

Sob a lógica do racismo estrutural, certos territórios — como as favelas e periferias urbanas — são sistematicamente construídos como “não-lugares”, espaços de exclusão e estigmatização. Morar na favela não é apenas uma condição geográfica, mas um marcador social que, em contextos racializados, se torna sinônimo de periculosidade, inferioridade e ausência de cidadania. Contudo, Santos também aponta para a possibilidade de ressignificação desses espaços, quando o território é apropriado como lugar de resistência, memória e produção de saberes.

Nesse sentido, comunidades da Grande Tijuca, como Borel, Salgueiro, Formiga e Casa Branca, entre outros, devem ser vistas não como espaços de ausência, mas como territórios de significação. Neles, práticas religiosas de matriz africana, festas populares, saberes locais e tradições culturais transformam o território estigmatizado em espaço de enunciação e pertencimento. A luta por reconhecimento e respeito à diversidade religiosa é, assim, indissociável da luta por uma nova leitura dos territórios negros, que vá além da lógica da exclusão e caminhe para o reconhecimento da centralidade desses espaços na construção da identidade brasileira

As comunidades do Rio de Janeiro, de forma geral, compõem um território urbano marcado pela desigualdade, mas também pela resistência e produção cultural. Habitar esses espaços, historicamente marginalizados, implica conviver com um cotidiano permeado por estigmas territoriais, racismo estrutural e preconceito religioso. Para os alunos que vivem nessas favelas, o território não é apenas o espaço onde se mora, mas um componente identitário profundamente atravessado por lógicas de exclusão e de pertencimento.

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação Educacional de São Paulo
Tecnologia - Formação - Trabalho

AINPGP
Associação de Inovação em Políticas de Gestão e Planejamento

📱 🌐 📺 📺 [f/redessociais](#)

Milton Santos (2002) nos ensina que o território é mais do que um recorte espacial: ele é um produto das relações sociais e de poder que nele se desenvolvem. Nas comunidades da Grande Tijuca, essa construção territorial é marcada por políticas de controle, ausência de direitos e narrativas midiáticas que reforçam o estigma da violência. Isso afeta diretamente a maneira como os jovens são percebidos fora e dentro do espaço escolar — muitas vezes tratados como "suspeitos", "perigosos" ou "carentes", categorias que mascaram sua riqueza cultural e subjetiva.

O racismo estrutural se manifesta nesses territórios de forma concreta: na precarização do acesso a educação, saúde, cultura e mobilidade urbana; na brutalidade policial seletiva; e na ausência de oportunidades reais para a juventude negra. Como destaca Lélia Gonzalez (1982), a racialização das desigualdades urbanas no Brasil faz com que o espaço urbano seja vivido de forma distinta por brancos e negros, ricos e pobres, moradores do asfalto e do morro.

As condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômica no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do lugar natural de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjunto “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço. (GONZALEZ, 1982: 15)

Além disso, o preconceito religioso tem presença marcante nas falas dos estudantes que professam ou convivem com religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda. Muitos relataram experiências de zombaria, medo de se assumir religiosos, ou episódios em que ter símbolos de suas crenças (como guias ou imagens) foi motivo de repressão. Essa realidade dialoga com as análises de Maria Beatriz Nascimento, que identificava na repressão às expressões religiosas negras uma tentativa de silenciar a memória ancestral africana como forma de dominação cultural.

É comum dizer que o negro tem uma cultura própria. É claro que tem. E essa cultura é vinda de nossa origem africana. Então, tem-se o candomblé, umbanda e

determinadas formas de comportamento, maneiras de se organizar, modos de habitar e uma série de outras coisas... Existe uma cultura realmente histórica e tradicional que seria a cultura de origem africana e uma outra cultura também histórica, mas que foi forjada nas relações entre brancos e negros, no Brasil. [...] o negro tem uma história tradicional onde subsistem ainda resíduos das sociedades africanas, mas tem, também, uma cultura forjada aqui dentro e que esta cultura, na medida em que foi forjada num processo de dominação, é pernicioso e bastante difícil e que mantém o grupo no lugar onde o poder dominante acha que deve estar. Isto é o que eu chamo de 'Cultura da Discriminação'. (NASCIMENTO, 1976: 04).

Ainda assim, as comunidades do Estácio e da Grande Tijuca também são territórios de potência, espaços onde a cultura afro-brasileira se manifesta em rodas de samba, terreiros, bailes, capoeira e grupos juvenis. Nessa perspectiva, como propõe Paulo Freire (1996), é preciso reconhecer os saberes que emergem desses contextos, valorizando-os como práticas pedagógicas e políticas de resistência. A escola, ao se abrir para essas experiências e permitir que os alunos reflitam criticamente sobre seu território, rompe com a lógica da exclusão, se aproxima de uma educação libertadora, e permite que os estudantes se percebam como pertencentes e produtores daquele espaço.

Ao abordar as expressões de preconceito religioso no Brasil, é fundamental distinguir os conceitos de tolerância e respeito religioso. Enquanto a tolerância parte de uma lógica vertical, que admite a existência do outro a partir da condescendência e do limite do "suportável", o respeito implica reconhecimento e valorização ativa das práticas religiosas como legítimas formas de produção de sentido, saber e existência. No contexto das religiões de matriz africana, esse respeito se torna ainda mais urgente, dada a longa história de criminalização, silenciamento e perseguição institucional a que foram submetidas.

Segundo Sidnei Nogueira (2020), o racismo religioso no Brasil se manifesta não apenas por meio de atos de intolerância, mas também por uma estrutura histórica que marginaliza as religiões de matriz africana, tratando-as como inferiores ou ameaçadoras. A intolerância religiosa se constrói no bojo do colonialismo, garantindo a invasão e domínio das terras coloniais, através da estigmatização das culturas/crenças diferentes da cristã, hegemônica. Nas palavras do autor, "Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal, de prestígio" (19). Se na essência do conceito de território estão as relações de poder, o racismo religioso tem se constituído como importante ferramenta. Assim como Nogueira salienta o caráter histórico deste processo de estigmatização, ele propõe a noção de "epistemologia de terreiro" como uma forma legítima de conhecimento que deve ser reconhecida e respeitada pela sociedade. Essa perspectiva é essencial para compreender como o respeito

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação Brasileira de Estudos em Sociologia, Antropologia e História

AINPGP
Associação Brasileira de Estudos em Sociologia, Antropologia e História

📱 🌐 📺 📺 f /redessociais

religioso deve ser praticado, indo além da mera tolerância e promovendo uma valorização ativa das práticas religiosas afro-brasileiras.

Na região da Grande Tijuca, essa discussão adquire contornos ainda mais significativos. Diversas comunidades, como Salgueiro, Borel, Formiga e Casa Branca, foram fundadas ou fortalecidas por terreiros que não apenas organizavam a vida espiritual dos moradores, mas também atuavam como núcleos de solidariedade, resistência cultural e afirmação identitária. É nesse território que nasceram escolas de samba de importância histórica, como o Acadêmicos do Salgueiro, cuja base comunitária está intrinsecamente ligada aos terreiros e aos valores civilizatórios de matriz africana.

A territorialidade, portanto, não pode ser compreendida apenas como espaço físico, mas como um campo simbólico e cultural onde se expressam formas específicas de viver, crer, celebrar e resistir. As escolas de samba, por exemplo, não se constituem apenas como manifestações artísticas, mas como verdadeiras instituições de preservação de memória e religiosidade afro-brasileira, muitas vezes alicerçadas nos valores transmitidos pelos terreiros fundadores das comunidades. Negar ou invisibilizar essa dimensão é reforçar a lógica racista que separa cultura e religião em um contínuo de deslegitimação da experiência negra.

2. Besouro: análise, exibição, escuta e produção de sentidos

O filme *Besouro* (2009), dirigido por João Daniel Tikhomiroff, é uma obra cinematográfica inspirada na trajetória real de Manoel Henrique Pereira, capoeirista baiano que se tornou lenda nos anos 1920 por sua luta contra a opressão e a injustiça sofrida pelos negros no pós-abolição. A narrativa, embora marcada por elementos fantásticos e estilizados, é profundamente enraizada na realidade da resistência negra e nas simbologias das religiões de matriz africana. Ao apresentar um herói negro ligado à capoeira e ao candomblé, o filme rompe com os padrões hegemônicos do cinema brasileiro e oferece aos jovens espectadores um novo referencial de identidade.

A construção estética do filme é fortemente marcada por referências à cultura afro-brasileira. A capoeira, enquanto prática corporal, política e espiritual, ocupa o centro da narrativa, representando não apenas uma forma de luta, mas uma filosofia de vida. Como lembra Lélia Gonzalez (1992), as expressões culturais negras no Brasil são frequentemente deslegitimadas ou apropriadas de forma descontextualizada. Em *Besouro*, ao contrário, a capoeira é apresentada como herança ancestral, conectada aos orixás e à sabedoria dos antigos mestres.

Outro elemento central é a presença da religiosidade de matriz africana. O protagonista é guiado espiritualmente por entidades e orixás, o que evidencia a força da religiosidade negra como elemento de resistência frente ao racismo e à opressão. Essa representação se contrapõe ao discurso dominante que demoniza essas religiões, como vivenciam muitos dos alunos em suas comunidades. A presença de Exu, Oxum e Iansã no filme, com toda a sua simbologia, provoca reflexões importantes sobre a intolerância religiosa no Brasil — questão que afeta especialmente os territórios populares e negros, como mostram os relatos dos estudantes da Grande Tijuca.

O filme também tensiona questões de classe e poder ao retratar as relações entre os senhores de engenho, capatazes e trabalhadores negros. A figura do capataz que se alia à opressão dialoga com o conceito de “racismo internalizado”, analisado por autores como Frantz Fanon, e revela as complexas formas de manutenção do racismo estrutural. Em contrapartida, Besouro representa o símbolo do insurgente, do que se recusa a se submeter — uma figura com a qual muitos jovens das periferias urbanas podem se identificar. Durante a exibição do filme, os alunos destacaram cenas que os tocaram profundamente, especialmente aquelas em que o protagonista enfrenta injustiças e reafirma sua fé e sua cultura. Para muitos, foi a primeira vez em que viram uma representação positiva e heroica de alguém que pratica capoeira e cultua os orixás. Essa identificação direta reforça a importância de narrativas negras e afrocentradas como forma de empoderamento e revalorização da identidade.

Assim, Besouro não é apenas um filme; é um recurso pedagógico potente, que possibilita o debate sobre temas sensíveis e urgentes na formação de jovens negros das periferias. Ele contribui para o rompimento com o imaginário social que associa o negro à subalternidade e oferece uma imagem de força, ancestralidade e espiritualidade que dialoga diretamente com os desafios enfrentados pelos alunos em seus territórios. A exibição do filme Besouro com estudantes das comunidades da Grande Tijuca não foi apenas uma atividade cultural, mas um ato pedagógico fundamentado na escuta e no reconhecimento das vozes dos alunos. O momento de debate que se seguiu à sessão revelou a potência da arte como ferramenta de conscientização e elaboração crítica da realidade, especialmente quando os sujeitos envolvidos compartilham vivências com os personagens retratados.

Durante o debate, muitos estudantes expressaram sentimentos de identificação com o protagonista. Besouro, um jovem negro perseguido por lutar contra a injustiça e por defender sua cultura e espiritualidade, se tornou um espelho simbólico para os alunos que enfrentam, em seu cotidiano, o peso do racismo, da desigualdade territorial e da intolerância religiosa. A cena em que Besouro consulta os orixás para tomar

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação Educacional de Santo Amaro
Tijucas - Favelas - Favelas



AINPGP
Associação de Intercâmbio Cultural e Pedagógico

 /redessociais

decisões importantes provocou reações emocionadas em estudantes que, até então, tinham medo de expor sua religiosidade em público. Isso evidencia, como aponta Maria Beatriz Nascimento, que o resgate da ancestralidade é uma chave essencial para a reconstrução da autoestima negra.

A escuta atenta das falas dos alunos mostrou que o filme ativou memórias e experiências pessoais que muitas vezes não encontram espaço na escola. Alguns relataram episódios de repressão policial em seus bairros, outros contaram como esconderam objetos religiosos para evitar zombarias. Um ponto recorrente foi o desejo de aprender mais sobre a história da capoeira, das religiões afro-brasileiras e das figuras negras que, como Besouro, resistiram à opressão. Essas falas revelam o que Paulo Freire chama de "curiosidade epistemológica" — o desejo genuíno de compreender o mundo a partir de suas próprias vivências e referências culturais.

Outro aspecto marcante do debate foi a forma como os alunos conectaram a história do filme com o território em que vivem. Muitos enxergaram em suas comunidades traços de resistência semelhantes aos do Quilombo de Besouro: espaços estigmatizados, mas ricos em cultura, solidariedade e espiritualidade. Essa leitura reforça a concepção de Milton Santos sobre o território como lugar de vivência e produção de sentidos, e não apenas como espaço físico. Os alunos, além de descreverem suas favelas como locais de carência, reconheceram ali espaços de luta, identificação e pertencimento.

Ao se reconhecerem como parte de uma trajetória coletiva de resistência, como atores da produção espacial a partir de seus signos culturais, os estudantes ampliaram sua compreensão crítica sobre as estruturas de opressão que enfrentam. O debate não foi conduzido como um exercício de interpretação fechada do filme, mas como um espaço dialógico, em que cada fala se tornava ponto de partida para novas perguntas. Essa abordagem está alinhada com a pedagogia do diálogo proposta por Freire, que vê o educador como mediador e não como transmissor de verdades.

Em síntese, a exibição de Besouro e o debate que se seguiu abriram um espaço de escuta e elaboração de sentidos que ultrapassou os limites da sala de aula. A atividade demonstrou que, quando respeitados e provocados com sensibilidade, os estudantes das periferias urbanas são capazes de produzir análises sofisticadas sobre seu lugar no mundo e de reivindicar, a partir da cultura, novas formas de existir e resistir.

3. Escola e cultura como ferramentas na discussão do racismo

A exibição e o debate sobre o filme Besouro revelaram o imenso potencial transformador da cultura e da arte quando inseridas em processos educativos críticos e sensíveis ao contexto dos alunos. Em territórios

historicamente marcados pela desigualdade e pela negação simbólica — como as favelas da Grande Tijuca —, a escola se torna um dos poucos espaços institucionais onde é possível construir experiências de escuta, reflexão e valorização da identidade negra. Contudo, para que isso ocorra de forma efetiva, é preciso ir além do currículo tradicional e incorporar linguagens como o cinema, a oralidade, a música e os saberes populares.

O cinema, nesse contexto, atua como mediador de afetos, memórias e conhecimentos. Ele permite que os estudantes vejam realidades semelhantes às suas representadas de forma digna, potente e simbólica. Segundo Paulo Freire (1996), a educação deve partir do universo cultural do educando e ajudá-lo a compreender criticamente sua realidade para transformá-la. O filme *Besouro*, ao retratar um herói negro que luta por justiça, respeito e liberdade religiosa, oferece uma narrativa que dialoga diretamente com as vivências dos jovens das periferias — possibilitando um processo de identificação que fortalece a autoestima e a consciência social.

Além disso, como destacam autores como bell hooks e Stuart Hall, a cultura não é um simples reflexo da sociedade, mas um campo de disputa simbólica. Inserir obras como *Besouro* no ambiente escolar é um ato político, pois desafia a hegemonia das narrativas brancas, eurocêntricas e colonizadoras que historicamente dominaram os meios de comunicação e os materiais didáticos. Trata-se de abrir espaço para o que Lélia Gonzalez chamava de "amefricanidade" — uma identidade negra forjada na diáspora, que combina elementos africanos, indígenas e latino-americanos em um processo contínuo de reinvenção e resistência.

A atividade também possibilitou repensar o papel da escola como espaço de acolhimento e promoção da diversidade religiosa. Ao permitir o debate franco sobre as religiões de matriz africana, a proposta rompeu com o silêncio e a desinformação que frequentemente cercam essas tradições. Os alunos que se reconheceram nas práticas religiosas do filme se sentiram legitimados e respeitados, e os que não as conheciam puderam acessá-las de forma crítica e sensível. Essa abertura para o diálogo inter-religioso é fundamental em uma sociedade marcada pela intolerância e pela criminalização das expressões afro-brasileiras.

Por fim, o projeto pedagógico envolvendo o filme *Besouro* reafirma a importância de práticas educativas baseadas na realidade dos estudantes, como defende Freire. Em vez de impor conteúdos desconectados do cotidiano, a experiência permitiu que os próprios alunos construíssem conhecimento a partir de suas vivências, fortalecendo a noção de que eles não são apenas objetos da educação, mas sujeitos capazes de transformar suas histórias e seus territórios. Assim, reafirma-se que o cinema, a cultura e a educação, quando articulados de forma crítica e sensível, não apenas informam, mas formam — cidadãos mais conscientes de sua identidade, de seus direitos e de seu papel na construção de uma sociedade mais justa e plural.

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação de Estudos e Pesquisas em
Educação, Psicologia e Filosofia

AINPGP
Associação de Investimentos em
Pesquisa e Desenvolvimento em
Educação e em Ciências Sociais

📱 🌐 📺 📺 f /redessociais

Conclusões

Este artigo buscou apresentar os resultados de atividade pedagógica desenvolvida com estudantes do ensino médio que residem, em sua maioria, em comunidades da Grande Tijuca. Estes recortes, compreendidos como territórios não só por sua delimitação formal, mas principalmente por suas diferentes relações entre espaço e grupos sociais, são comumente conhecidos pelo estigma de lugares violentos, marcados pela ausência e pela exclusão. Seriam assim "não-lugares" sob a ótica de Milton Santos. No entanto, as relações entre os moradores, e destes com aquele território transformam as favelas em lugares de construção de afetos, de resistências, de identidades.

O espaço urbano de cidades grandes como o Rio de Janeiro tornam flagrante as diversas faces da desigualdade, porque esta também separa os espaços. Temos a favela e o asfalto, o prédio e o barraco, o lugar de branco e o lugar de preto. E estas desigualdades, construídas ao longo da história, ganham forma também nos aspectos culturais como a religião, excluindo religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, estigmatizadas através da demonização de seus ritos, entidades e Orixás.

A atividade pedagógica levou para a sala de aula o filme *Besouro*, que trabalha elementos como as relações de poder sobre o território, a perseguição e proibição de práticas culturais do povo preto, mas principalmente, a história de um herói que foge do padrão euro-centrado. *Besouro*, um capoeirista negro que tornou-se líder da luta coletiva pela liberdade do seu povo, ofereceu aos estudantes o olhar de identificação entre aquele herói e o jovem da favela, que vive em seu território a resistência contra o racismo estrutural, entre suas formas, o racismo religioso.

A reflexão construída a partir da atividade pedagógica apresentada reforça a necessidade de outros olhares, outras leituras a serem trabalhadas no espaço escolar, valorizando, como defendeu Freire, os saberes e vivências dos estudantes, permitindo que os mesmos compreendam e transformem suas realidade. Da mesma forma, aponta para uma leitura de mundo pautada no que Lélia Gonzalez chamava de "amefricanidade", rompendo com as narrativas de naturalização das relações de poder presentes no Brasil.

Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 2000

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e crise no capitalismo real*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

NASCIMENTO, Beatriz. *O negro visto por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Manchete, 1976

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo estrutural: uma perspectiva histórico-crítica*. São Paulo: Dandara, 2021.

SANTOS, Milton. O lugar: encontrando o futuro. *RUA: Revista De Urbanismo E Arquitetura*, (6). Disponível em: <https://doi.org/10.9771/rua.vi0.3113> Acesso em 01 de maio de 2025.

_____. Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

_____. “O retorno do território”. In: Santos, Milton; Silveira, Maria Laura e Souza, Maria Adélia (orgs.) *Território – Globalização e Fragmentação*. São Paulo, Hucitec/Anpur, 1994 pp. 15-20.

VALE, Ana L.F. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. *Revista Fazendo Ciência*, 07 (01). Unioeste, 2005

REALIZAÇÃO:

Aeset
Associação Brasileira de Engenharia de Segurança
Técnicas, Técnicas, Técnicas



AINPGP
Associação Brasileira de Engenharia de Segurança

 /redessociais